



## **GÊNERO E SEXUALIDADE – DISCURSOS ENTRECRUZADOS NO ESPAÇO DA SALA DE AULA**

Ana Paula Vieira de Andrade Assumpção<sup>1</sup>

### **Contextualizando**

Neste relato apresento o projeto<sup>2</sup> sobre gênero e sexualidade, que desenvolvi, em 2017, numa Escola Estadual de Ensino Médio de Rio Grande, vinculado ao GESE/Furg, através do projeto "Escola Promotora da Igualdade de Gênero". O que me motivou foi o desejo de debater sobre esses temas transversais, previstos nos PCNs. Meu objetivo foi procurar direcionar (e não, doutrinar<sup>3</sup>) @s alun@s dos 3ºs anos a pensarem sobre a construção de posições definidas como padrões historicamente ditos “normais”, que atribuem valores desiguais ao “diferente”. Assim, as aulas de Português foram organizadas através da proposição de leitura de textos e análise de vídeos, selecionados por mim.

É necessário salientar que minha preocupação enquanto professora da área das linguagens é mostrar que é pelo discurso que se compreende a relação entre linguagem, pensamento e mundo. Em vista disso, no processo de leitura e de escrita, cada sujeito, munido de sua história de leituras, produzirá diferentes efeitos de sentidos diante de um texto. Nesse processo, cabe-me refletir sobre a possibilidade de desdobramentos que colaborem com a criação de cidadãos capazes de produzir sentidos diante dos textos e de se desvencilharem de saberes fixados, marcados por questões de gênero que determinam lugares/posições hierárquicas, segundo os moldes da sociedade.

Frente ao apresentado, gostaria de dividir algumas de minhas ações.

### **Entrecruzando discursos**


Como foi dito, uma das principais questões que norteiam meu projeto é a de refletir sobre as práticas discursivas que circulam e (des)constróem uma série de repetições históricas. São discursos que se entrecruzam nos diversos espaços, como na mídia, através de variados

<sup>1</sup> Mestra em Letras, LEAD/UCPel, professora\_anapaula@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> O projeto foi elaborado em parceria com professora de Espanhol Sílvia Freitas. Em suas aulas, deu ênfase nas profissões que mostram as desigualdades e preconceitos construídos ao longo da história.

<sup>3</sup> Que fique claro: discutir valores, em sala de aula, não é doutrinar, como alegam os defensores do projeto “Escola Sem Partido”.



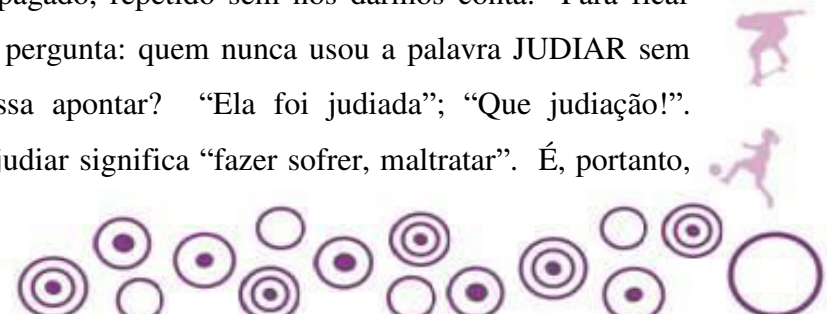



gêneros textuais. Com efeito, trata-se de suspeitar de tudo aquilo que é óbvio, desconfiar do que julgamos ver (BARTHES, 1984), e de desnaturalizar as evidências.

É nessa perspectiva que as aulas de Português foram estruturadas. Assim, trabalhamos vídeos, propagandas etc. que circulam na mídia. Num primeiro momento, para que entendessem um pouco sobre gênero, apresentei um vídeo do próprio GESE com o título “#VaiTerGêneroNaEscola”, o qual elucida a relevância da discussão de gênero no espaço da educação, mostrando, por exemplo, que o Brasil é o 7º país do mundo a cometer feminicídio, segundo os dados da ONU Mulheres. Ademais, o vídeo deixa claro, visto que tramita o projeto de lei que institui o Programa Escola Sem Partido nas escolas, que professor@s têm amparo legal na promoção dessas discussões.

Logo em seguida, mostrei o da Louie Ponto, “A teoria das caixinhas: o que é gênero?”. Nele é explicado, de forma didática, o que é gênero a partir de caixinhas que vêm com normas impostas pela sociedade de como ser um menino e uma menina. Para contribuir com discussões sobre estereótipos, o terceiro foi “Quem é essa pessoa?”, da cerveja Skol. Ele começa com a frase “Colocamos pessoas frente a frente com objetos pessoais de um desconhecido” e mostra pessoas, numa sala, observando novelos de lã e agulha de crochê, e chegam à conclusão que eram de uma mulher e de certa idade. Para a surpresa, a pessoa que faz crochê é um homem, Thiago, de 35 anos. A campanha da Skol se posiciona de forma contrária ao que fazia antes, diferente do vídeo que apresentei: um *mix* de propagandas de cerveja que usam mulheres como produto, assim como a cerveja, para ser vendida para homens; são corpos, conforme Garcia (2005), que “mexem” com o público e convocam ao consumo.

O que tentei foi pontuar as estratégias discursivas usadas nos espaços midiáticos e deixar claro que devemos investigar o discurso da mídia como produtor de sentidos que faz emergir na materialidade linguística e/ou imagética um lugar fortemente marcado por questões de gênero e sexualidade, isto é, que esse discurso pode apresentar dizeres estabilizados que passam pelo movimento de atualização, podendo funcionar como manutenção de sentidos já-ditos e sedimentados, sem que o sujeito perceba. Por isso a importância de desconfiar do que julga ver. Em outras palavras, através da língua, somos interpelados por discursos que apontam para um comportamento ideológico determinado como sendo padrão, estabilizado e propagado, repetido sem nos darmos conta. Para ficar mais claro para a turma, fiz a seguinte pergunta: quem nunca usou a palavra JUDIAR sem saber que efeito de sentidos isso possa apontar? “Ela foi judiada”; “Que judiação!”. Repetimos sem perceber que a palavra judiar significa “fazer sofrer, maltratar”. É, portanto,





um elemento linguístico que indica uma evidência: a alusão ao antissemitismo, ou seja, o ódio contra judeus. Para que el@s tenham esse novo olhar, apresentei o vídeo “Por que ‘assumir’ que é gay é errado?<sup>4</sup>”, de Mário Caparica. O jornalista trata da construção linguística – o uso de assumir e admitir – que determinados coleg@s de profissão utilizam ao noticiar que pessoas públicas são homossexuais cujo efeito de sentido revela uma carga pejorativa, sustentando que “assumir” ou “admitir” que é gay ou lésbica é algo errado: “assumiu que roubou”, “admitiu que traiu”, “assumiu que matou”. O mais adequado seria lançar-se mão dos sintagmas contar, dizer. Ou, melhor, para que noticiar?

Depois levei a propaganda do chocolate Snickers que colocou no mercado embalagens estampadas com sentimentos tanto para mulheres quanto para homens – lesada, irritada, confusa, nervosinho e reclamão – que refletem o humor de quem está com fome. Meu propósito foi que percebessem que as embalagens reforçam padrões, estereótipos para ambos os gêneros, porém a mulher é sempre considerada a histérica, a irritada.

O próximo passo foi trabalhar com contos de fadas. Refletindo sobre esse gênero textual, el@s puderam perceber determinados atributos concedidos a personagens masculinos – fortes, corajosos – e a femininos – frágeis, educadas, à espera do príncipe encantado –, que fixam, estabilizam sentidos institucionalizados (ERNST, 2004) e segregam identidades.

## **Finalizando**

Depois de várias aulas, propus dois trabalhos para que pudéssemos fazer uma exposição, finalizando o projeto. O primeiro foi escolher um conto de fadas tradicional e subvertê-lo como quisessem.

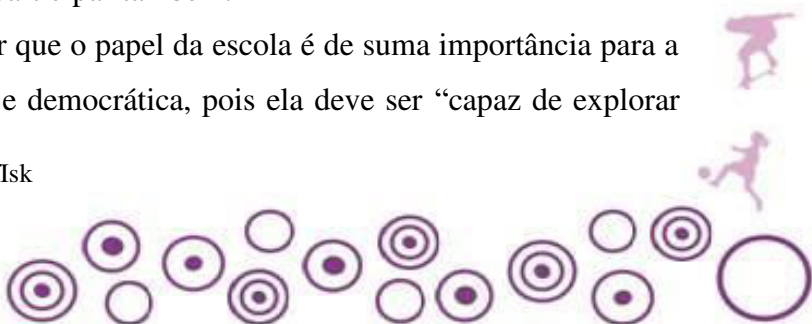
O segundo consistiu na produção de ilustrações, inspiradas nos trabalhos de Carol Rossetti, que ganhou fama nas redes sociais quando suas ilustrações caíram no gosto do público. Nelas, Carol retrata as expectativas socioculturais em relação aos corpos, comportamentos e identidades das mulheres: etnias e raças, profissões, deficiências, orientações sexuais, crenças e opiniões.


O projeto foi concluído no dia 16 de fevereiro de 2018. O resultado? Tod@s @s alun@s fizeram as releituras (subversão) dos contos de fadas e ilustrações sobre (re)tratos de mulheres – elas podem ser o que quiser, que foram expostos na escola, despertando, dessa maneira, nas outras turmas a vontade de participar também.

Para concluir, gostaria de ressaltar que o papel da escola é de suma importância para a construção de uma sociedade igualitária e democrática, pois ela deve ser “capaz de explorar

---

<sup>4</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=bVKMsX8fIsk>





esse movimento de transformação, reconhecendo aí o andamento de um processo de significação que evidencia o fato de a identidade não ser fixa, coerente e homogênea, mas instável, contraditória e heterogênea, mesmo porque, nesse espaço, os alunos convivem com a diferença de classe, raça, credo, etnia, idade, sexualidade e gênero” (ERNST, 2004, p. 9). Por isso, é primordial que façamos com que el@s percebam o que está oculto ou silenciado nos dizeres. É possibilitar desconfiar do óbvio!

### **Referências**

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ERNST, Aracy. (Re) Inventando contos de fadas: um estudo sobre o fenômeno da exclusão. *In*: Encontro Nacional da ANPOLL, 19., 2004, Maceió. **Anais...** Maceió, 2004.

GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação**: estudos contemporâneos. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

